

“Acordo com o FMI vem primeiro”

Agência Brasil

Paris — A ministra Zélia Cardoso de Mello evitou assumir qualquer compromisso em Paris com os credores brasileiros, privados ou públicos, membros do Clube de Paris, reafirmando que o processo de negociação da dívida externa começa em Washington, pelo FMI, onde se encontrava ontem seu assessor, Antonio Kandir. Essa informação foi transmitida logo de saída a Jean Claude Trichet, o presidente do Clube de Paris e diretor do Tesouro Francês, quando de seu encontro que durou 45 minutos. Com essa posição, ela procurou descaracterizar qualquer negociação.

Em nenhum momento, a ministra avançou prazos para a retomada do pagamento das parcelas atrasadas (92,1 bilhões de dólares vencidos no mês de junho, de um total de US\$ 5 bilhões reescalados com o Clube de Paris, em 1988). Ela foi clara ao afirmar que não fixou nenhuma data para o reinício de negociações com o Clube de Paris ou para a retomada do pagamento dos juros atrasados com essa instituição com os bancos comerciais.

Antes desse encontro, ela avistou-se com o presidente do Banco da França, Jacques de Larosiere, que manifestou sua disposição de ajudá-la, se for o caso, no momento em que tiver que encaminhar a negociação. Esse ex-presidente do FMI é tido como um verdadeiro guru da comunidade financeira internacional em razão de sua grande experiência. No fim da tarde, a ministra foi recebida pelo ministro da Economia da França, Pierre Bérégovoy, que lembrou a disposição e as iniciativas do governo francês em favor

dos países devedores, ditos “intermediários” para desbloquear o problema da dívida externa. Uma missão do Tesouro francês deverá viajar rapidamente para o Brasil com o objetivo de remover obstáculos que estão dificultando a execução do acordo de uma parcela da dívida pública da França com o Brasil.

Essa boa vontade da área governamental e junto a instituições públicas, não é a mesma na área comercial e empresarial, onde as queixas em relação ao governo brasileiro são ainda importantes.

Todos eles louvam os esforços de Brasília na luta contra a inflação e a tentativa de abertura do comércio exterior, mas afirmam que nenhum gesto significativo foi feito em relação aos bancos privados.

Um outro banqueiro, diretor da “Société Generale”, Bernard Lorrain, quis saber dos planos do governo para o restabelecimento do pagamento dos juros da dívida, isto é, antes ou depois da negociação. Mais uma vez, a ministra evitou qualquer compromisso dizendo que o governo brasileiro, ao contrário dos anteriores, privilegiou o ajuste interno para poder definir as possibilidades em relação ao pagamento do serviço da dívida. A seu ver, brevemente serão retomadas as negociações e, conseqüentemente, o pagamento dos juros, tendo acrescentado: “Não queremos postergar essas pendências para 1991. O objetivo é resolvê-las ainda este ano”.

Um assunto que a ministra da Economia considera indigesto é o da recessão, como conseqüência do plano de luta contra a inflação.

Em duas ocasiões, ela evitou responder, quando indagada, sobre uma estimativa do número de desempregados no Brasil. (A.E.)



Zélia entrevistou-se com Trichet mas não firmou nenhum compromisso em relação à dívida